

TRILHAS DE MEMÓRIAS

Relatos e construções afetivas dos atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão



TRILHAS DE MEMÓRIAS

Relatos e construções afetivas dos
atingidos pelo rompimento da
barragem de Fundão



Janeiro, 2022.

FICHA TÉCNICA

ORGANIZADOR



AUTORES

Adolfo Cirilo de Campos
Afonso Semião Martins Ciríaco
Airton Mol de Almeida
Alicéia Ferraz Pardinho Ferreira
Angélica Geralda L. Peixoto
Celi Marques de O. Henriques
Célia Antunes dos Passos
Célio Cassemiro
Deltrudes Ferraz Pardinho
Eliana Silva
Fátima Aparecida da Silva
Geraldo César Pereira

Iris Fernandes
Iris Ferreira Lanna
Ivani Borges de Souza
Jardel Luiz de Souza
Joelma Fernandes
José Pavuna Neto
Luiza da Silva Mendes
Luiza Pedra
Luzia Nazaré Motta Queiroz
Manoel Ferreira dos Santos
Márcia Mary Silva
Maria das Neves Gomes Pinto
Maria da Conceição Silva Campos
Maria do Carmo de Oliveira
Maria Ercília Ferreira Mol
Maria Terezinha B. Carraro
Martinha Alves Santos de Almeida
Matheus Lucas Dutra

Patrícia Monteiro Castanheira
Pedro Henrique Madeira Bacelar
Silvana Arlinda Pinto
Vicente Carraro Martins

FACILITAÇÃO DAS OFICINAS

Enrico Rocha
Camila Vaz
Mayan Amâncio
Pablo Abranches

MENTORIA DO TRILHAS DE MEMÓRIAS

Mayan Amâncio
Pablo Abranches

CURADORIA DE CONTEÚDO

Mayan Amâncio

Pablo Abranches

Natália Dornelas

Nina Avancini

Nuno Perim

COORDENAÇÃO DO TRILHAS DE MEMÓRIAS

Carlos Oliveira

Luiza Pedra

REVISÃO

Gustavo Santos

Enrico Rocha

EQUIPE DO CIT

Flávio Chantre – Diretor

Ana Carolina Maciel - Gerente

Iara Souza - Coordenadora

Carlos Oliveira - Especialista

Isabella Cunha - Analista

Simone de Meira – Analista

João Paulo de Freitas - Especialista

Luiza Pedra - Consultora

Sandra Lúcia de Paula - Consultora

Rafael Santos - Consultor

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Isabella Mariano



O conteúdo deste livro está licenciado com a Atribuição-SemDerivações SemDerivados CC BY-NC-ND. Isso significa que você pode compartilhar livremente desde que atribua os créditos aos autores e ao projeto e não faça alterações, tampouco use o conteúdo do livro para fins comerciais. Para ler uma cópia desta licença visite o site br.creativecommons.org.

PARTICIPANTES DO TRILHAS DE MEMÓRIAS

Adailton Alcantara Pereira

Adolfo Cirilo de Campos

Afonso Semião Martins Ciríaco

Airton Mol de Almeida

Alicéia Ferraz Pardiniho Ferreira

Amaral Gonçalves

Andrea Aparecida Ferreira de Anchieta

Angélica Geralda Lourenço Peixoto

Antônio Áurea do Carmo

Ariane Sabina de Almeida

Benilde Madeira

Braz Pansiere

Carlos Cezar Ramos

Carlos de Alcântara

Celi Marques de Oliveira Henriques

Célia Antunes dos Passos

Célio Cassemiro

Creusa Fernandes

Deltrudes Ferraz Pardiniho

Denise de Castro Pereira

Edenir Santos

Éder de Paula Pinheiro Soares

Edilma Marina

Edivânia Gregório

Edson Figueiredo

Elaine Cristian Pires

Elaine Cristina Malaquias de Souza

Eliana Silva

Elias Roberto Medeiros

Elis Regina Gomes Monteiro

Fátima Aparecida da Silva

Genilson Carlos dos Reis Pereira

Geraldo César Pereira

Geraldo de Freitas Pimenta Filho

Grazielle Costa dos Santos Fortini

Herval Nogueira Junior

Hildete Caliman

Hudson Gomes

Iris Fernandes

Iris Ferreira Lanna

Ivani Borges de Souza

Jaqueline dos Santos

Jardel Luiz de Souza

Jean Carlos Gomes Calixto

Jesus Matias

Joelma Fernandes Teixeira

Jóeci Lopes Miranda

Jorge Nunes

José Pavuna Neto

José Rosário de Castro Souza

Júlio César de Lima

Júnia Mara Lahr Zulske

Karina Lopes

Keila Aguiar

Leônidas Carlos

Luciana Souza de Oliveira

Luciene Maria da Silveira Alves

Luis Carlos de Oliveira

Luiza da Silva Mendes

Luzia Nazaré Motta Queiroz

Manoel Ferreira dos Santos

Marcelo Gomes

Márcia Mary Silva

Maria Betânia Figueredo da Silva

Maria da Conceição Silva Campos

Maria da Penha Rocha da Conceição

Maria das Neves Gomes Pinto

Maria do Carmo de Oliveira

Maria José Reale Pereira

Maria Terezinha B. Carraro

Maria Ercília Ferreira

Marinalva dos Santos Salgado

Marlene do Carmo

Marlene Imaculada Carlos

Marly de Fátima Silva Gomes

Martinha Alves Santos de Almeida

Matheus Lucas Dutra

Messenas Miranha Rocha

Nádia Matos

Neuza Batista Santos Silva

Onesima Mourthe

Ornelino Nunes Pinheiro

Patrícia Monteiro Castanheira

Pedro Henrique Madeira Bacelar

Renato Lazarini

Rhayda Santiago Almeida Abelha

Rosa Bisco Ferreira

Rosane Gomides Senna Cupertino

Rosângela Casotti

Rosiane Rodrigues

Silas Cardoso Evangelista

Sildilene Batista Lamim Oliveira

Silvana Arlinda Pinto

Simone Quintão

Vera Maria de Assis

Vicente Carraro Martins

Victor Roque Pancieri

Wagner Dutra







APRESENTAÇÃO

Quando a barragem de Fundão se rompeu, no dia 05 de novembro de 2015, a vida de milhares de moradores dos 39 municípios atingidos, desde Mariana em Minas Gerais até Linhares no Espírito Santo, foi drasticamente afetada. Também foram atingidas incontáveis espécies de animais, plantas e muitas outras formas de vida presentes nos 670 km percorridos pela onda de rejeitos que atingiu 113 afluentes do rio Doce, desde o rio Gualaxo do Norte (MG) até a sua foz no Espírito Santo.

Diante de tamanho impacto, muitas manifestações culturais, as relações com o rio, com a comunidade e com a terra foram interrompidas e algumas precisaram ser ressignificadas. O projeto Trilhas de Memórias foi realizado para que as comunidades atingidas pudessem contar as memórias que as atravessam e que, de tão importantes, não querem que sejam esquecidas.

Para cumprir esse objetivo, o primeiro passo do Trilhas de Memórias foi a realização de oficinas participativas nas quais pessoas de diferentes municípios e comunidades atingidas pelo rompimento de Fundão reuniram-se de forma virtual. Em grupo, revisitaram suas

memórias e compartilharam entre si elementos importantes de suas vidas pessoais e de suas culturas locais, a partir da pergunta motivadora:

“O que considero importante lembrar sobre o lugar onde vivo?”

A partir das respostas dadas, os participantes puderam encontrar pontos em comum, dialogar sobre eles e formar grupos temáticos: Festas e Memórias do Lugar; Rompimento; Identidade; Tradições e Sabedoria Popular; Festas Tradicionais; Memórias Culturais; Doces Lembranças; Pesca e Lama; Memórias do rio Doce: Lágrimas de Ribeirinhas. Em maior ou menor medida, todos os relatos apresentados são perpassados pelo que ocorreu em suas vidas após novembro de 2015.



Acolhimento dos participantes da oficina do Espírito Santo

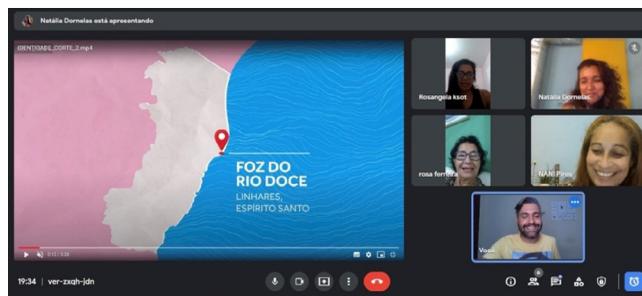
O que considero importante
lembrar sobre o lugar onde eu vivo?



Colheita de memórias da oficina da Calha do Rio Doce

Após as oficinas, o passo seguinte do Trilhas de Memórias foi um cuidadoso processo de mentoria, durante o qual uma equipe acompanhou e orientou cada grupo para que, tanto coletiva quanto individualmente, fossem produzidos e resgatados materiais sobre os temas escolhidos. Então, cada participante recorreu às suas habilidades, talentos e recursos, contando com as orientações técnicas dos mentores, e produziram potentes registros em forma de áudios, vídeos, textos e fotografias, que depois foram transformados no livro ou em vídeos, sendo o formato escolhido por cada grupo.

Este livro reúne o resultado das tantas reflexões, conversas e trocas realizadas no percurso do Trilhas de Memórias. Cada capítulo apresenta o trabalho de um grupo,



Encontro de mentoria do Trilhas de Memórias

imprimindo identidades singulares, construída pelas contribuições de cada participante. Para os grupos que optaram pela linguagem audiovisual, apresentamos aqui as sinopses e fichas técnicas dos vídeos produzidos.

A identidade visual dos capítulos e seus conteúdos são diversos, marcados por tradicionalidade, diferentes ofícios, cultura alimentar, ribeirinha, diversas festividades e expressões artísticas. Estas páginas nos mostram, então, o encontro das mais diversas emoções, como encantamento, beleza, orgulho, pesar, revolta e dor.

Os participantes de todos os grupos puderam se reunir em uma Mostra Virtual e compartilhar entre si e com convidados a experiência de revisitar e registrar suas memórias, além de fazerem o lançamento do presente livro e dos vídeos produzidos, que podem ser assistidos e baixados na Plataforma Interativa do CIT (Centro de Informações Técnicas).

Importante dizer que o CIT tem como objetivo principal reunir um acervo de dados e informações referentes ao rompimento da barragem de Fundão e seus desdobramentos. E ainda tem por tarefa dar acesso e disponibilizar esse acervo para a sociedade, tanto em

www.citdorioce.org



unidades físicas - em fase de implantação - quanto on-line, por meio de sua Plataforma Interativa. Além disso, o CIT promove ações de descentralização e de itinerância para a divulgação do acervo, coleta de materiais, e fomento da produção de conteúdo sobre o rompimento de Fundão e suas consequências, sendo o Trilhas de Memórias uma dessas ações.

A diversidade de temas, de enfoques e de vozes presentes no acervo foi organizada sob a forma de Coleções. Assim, os estudos acadêmicos, tais como teses, dissertações e artigos científicos podem ser encontrados na coleção "Narrativas Acadêmicas"; os relatórios e estudos técnicos estão abrigados na coleção "Narrativas Técnicas"; e os



O rio Doce e você

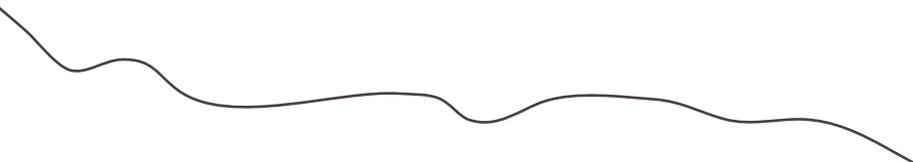
Página de entrada da Plataforma Interativa do CIT

relatos e depoimentos da comunidade atingida, como o livro e vídeos do Trilhas de Memórias, se encontram na coleção "Narrativas Territoriais".

A Plataforma Interativa do CIT é viva e tem como proposta um estado de constante acolhimento. Sendo assim, tudo o que for produzido sobre o rompimento da barragem de Fundão, sobre seus impactos e sobre as comunidades atingidas pode ser enviado para a Plataforma Interativa para compor o acervo.

A criação do CIT é uma das medidas de reparação e compensação dos danos decorrentes do rompimento da barragem de Fundão, previstas pelo Termo de Transação e de Ajustamento de Conduta (TTAC) que instituiu a Fundação Renova. Atualmente, todas as ações do CIT são executadas pela Fundação Renova, com princípios de autonomia e transparência, e, futuramente, a gestão do CIT passará a ser conduzida por outros atores institucionais vinculados à reparação.

Esperamos que o livro e vídeos do Trilhas de Memórias possam oferecer uma rica e potente experiência, permeada de importantes vozes, histórias e saberes.



SUMÁRIO

MARIANA

P. 19

Festas e Memórias do Lugar | p. 21
Rompimento | p. 40

ALTO RIO DOCE

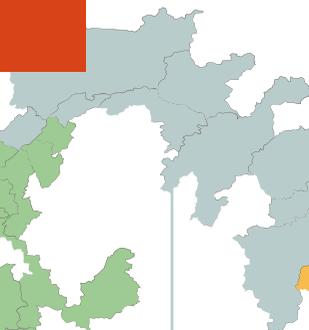
P. 41

Tradições e Sabedoria Popular | p. 43
Festas Tradicionais | p. 63



CALHA DO RIO DOCE P. 75

Memórias Culturais | p. 77
Doces Lembranças | p. 78



MÉDIO RIO DOCE

P. 79

Pesca | p. 81
Memórias do rio Doce | p. 93

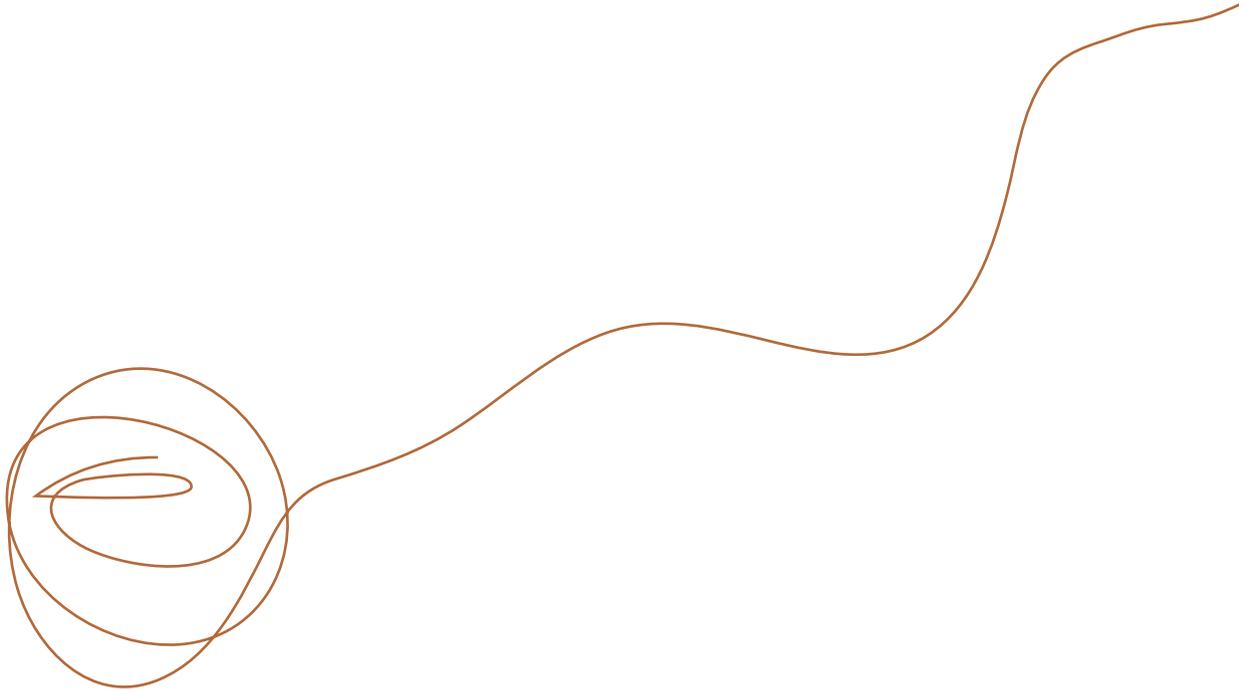


ESPÍRITO SANTO

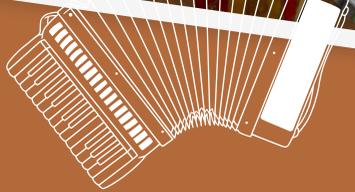
P. 113

Identidade | p. 115
Pesca e Lama | p. 116





MARIANA



FESTAS E MEMÓRIAS DO LUGAR

Autores



ANGELICA PEIXOTO
Mariana/MG



ELIANA SILVA
Mariana/MG



JARDEL DE SOUZA
Mariana/MG



CÉLIA ANTUNES
Mariana/MG



LUZIA QUEIRÓZ
Mariana/MG



MATHEUS LUCAS DUTRA
Mariana/MG

AO PARACATU QUE CONHECI

Por Angélica Peixoto

Procuro em mim os sentimentos, as sensações, as vivências.

Meus sentidos estão entorpecidos com a quantidade de lembranças que vêm à minha mente.

São tantos amores, tantas cores, tantas dores!

A saudade deixa os meus olhos embaçados, pensando naqueles que se foram!

Penso nas comadres, parceiras, guerreiras, hoje tão distantes!

Penso nos que partiram, para não voltar, sempre presentes no meu coração!

Penso nos encontros e desencontros, penso nos jogos, nas brincadeiras, na labuta do dia a dia.

Ouçô os risos, os sons, as conversas, as cantigas. Revivo a alegria.

Vejo os rostos: são crianças, jovens, idosos. Companheiros! Imagens flutuam diante de mim!

O pensamento segue solto, brincando de passear por cada momento precioso.



Misturo, balanço e separo uma memória que me deixa feliz.

Mês de junho: festa do padroeiro Santo Antônio! Paracatu em festa!

Hora de preparar a novena, enfeitar a bandeira do santo, cobrir os altares da igreja com as toalhas mais alvas para a missa festiva.

Compromisso assumido de fazer as leituras, ensaiar o coral, participar da liturgia. Tudo com muito carinho!

Que saudade de dançar a quadrilha! O nosso "Arraiá" nunca faltou.

Bandeirinhas coloridas, barraquinhas de comida típica, fogueira.

Ninguém podia ficar de fora. As comunidades vizinhas eram convidadas para o momento de celebrar.

Como era bom participar da missa, fazer uma oração, agradecendo ao padroeiro por mais um ano junto.

Ao final da festa, havia distribuição do pãozinho "bento" para comer ali ou levar para casa e colocar na lata de mantimentos para manter a fartura de alimentos.

No domingo (a festa sempre terminava no domingo) hora de despedir, mas já pensando na festa do ano que estava por vir.

E assim Paracatu continua fazendo sua prece, na canção:

Santo Antônio, rogai por nós.

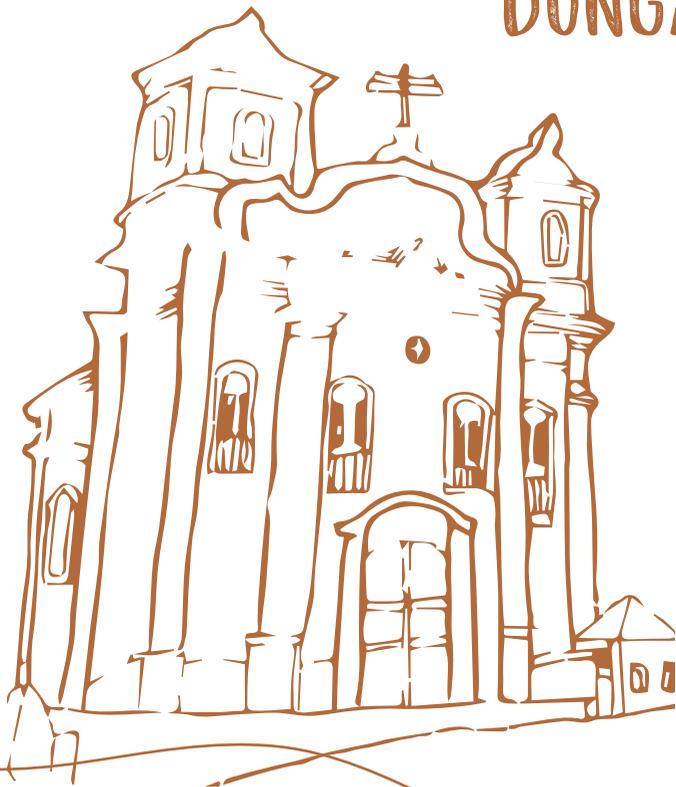
Santo Antônio, rogai por nós.



A BANDA, O JUBILEU E A DONA DUNGA: PEDACINHOS DE MIM

Por Célia Antunes

A relação da banda com o Jubileu é porque nós moramos num lugar muito carente. Então a gente viu a necessidade local de retomar a banda musical. Quem ativou a banda foi a Dona Dunga. Infelizmente hoje ela não se encontra no meio de nós, mas deixou um legado muito rico, para Antônio Pereira. Ela incentivou a formar a associação de artesanato local e trabalhamos juntos, inclusive com as crianças, adolescentes e idosos. Se existimos é por causa de todo



esse empenho que ela teve com a gente.

Antes do Jubileu a gente fazia uma novena e o Padre José Julião da Silva achou melhor passar para o Jubileu e muitos romeiros começaram a participar. O Jubileu é uma tradição local muito forte, de muita fé, de muita valia, milagres, grandioso valor. Muito rico mesmo! É foi o ponto de retomada da banda. Os fogos de artifícios que abrem as nossas festividades no dia 14 de agosto com mais de 30 minutos de fogos era a coisa mais linda. É uma tradição riquíssima da nossa cidade Antônio Pereira/MG que ainda existe. A gente tem lideranças muito fortes que fazem as coisas acontecerem com o dinheiro do próprio bolso, caso contrário a gente não teria nada de história para contar. Por isso, a gente tem esse carinho.

A banda e essa grande líder, a Maria da Conceição Ferreira, a Dona Dunga, nos deixou esse legado imenso. Ela se preocupava muito com a juventude local, com as crianças e os adolescentes. A minha filha, Natielle Sabrina, começou com oito anos e ficou sete anos na banda. Até hoje, na verdade, ela participa e atua como a maestra.

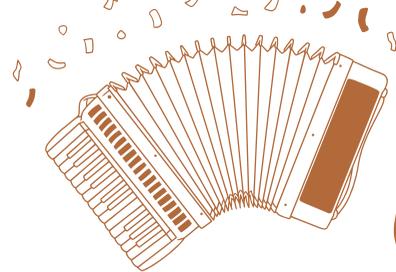


Tem várias coisas boas que se unem. Nós tínhamos o Jubileu, mas tínhamos dificuldade de buscar a banda, então a gente montou a banda. As lideranças se reuniram e decidiram reativá-la. É uma das festividades que nos enche de orgulho, é o que mais nos honra e devemos tudo ao trabalho da Dona Dunga, nossa grande madrinha. Tudo que eu sou hoje eu devo a ela. Foi quem nos incentivou e encorajou, sempre nos colocando para cima. Nossa! Falar de Dona Dunga é falar de um pedacinho de mim.



FESTAS DE PARACATU

Por Eliana Silva



A festa do Menino Jesus começava com a novena na igreja e terminava na festa com levantamento do mastro. Logo após, tinha o leilão com as coisas que eram arrecadadas ali mesmo em Paracatu. Com uma estrutura de som potente, no dia seguinte era realizada a missa com participação de todo o coral, e, em seguida, a procissão do Menino Jesus e da banda de música de Monsenhor. Tínhamos ainda a dança das fitas que era muito bonita. Nós ficávamos encantados com a dança. A Folia de Reis é um evento de uma grande importância para todos nós.

Depois de todos esses acontecimentos era hora do almoço na casa do senhor Zezinho com comidas típicas feitas com muito amor e carinho pelas cozinheiras voluntárias do lugar. Valorizamos todas essas festividades, tanto que ficava ansiosa para chegar às datas das festas. Como era bom, meu Deus! Tinha muitas barriquinhas, carro do sorvete que fazia a alegria da criançada. São coisas que fazem falta e têm um valor sentimental muito grande.

FESTA DE FOLIA DE REIS

Por Jardel de Souza



Festa tradicional de origem europeia, ocorre em várias localidades brasileiras. É caracterizada por um cortejo que toca músicas de louvor aos Santos Reis e ao nascimento de Cristo, enquanto visita casas de moradores locais.

A festa começa à meia noite do dia 25 de dezembro, no momento do nascimento do Menino Jesus e os foliões pedem permissão para entrar nas casas e cantar.



MÚSICA FOLIA DE REIS

- Ô Senhora dona da casa (2x)
- Venha ver a quem chegou (2x)
- É o menino de Jesus, ê (2x)
- Com seu lindo resplendor, ê (2x)
- Eu vim pedindo uma licença (2x)
- Para no seu salão entrar (2x)
- Se eu conseguir essa licença (2x)
- Para no seu salão cantar (2x)
- Eu vim pedindo uma oferta (2x)
- Para um dia festejar (2x)
- Ô Deus, que paga boa oferta (2x)
- Que te dê muita saúde
- Ô Santo Rei que abençoa (2x)
- Com toda sua família (2x)
- Ô viva a dona dessa casa (2x)
- Com sua família inteira (2x)
- Ô folião vamos embora (2x)
- Que Deus até outro dia (2x)
- Que vai em nossa companhia (2x)
- É o menino de Jesus (2x)

DIA DE FESTA

Por Luzia Queiroz



Na missa, anuncia o padre a data da festa! Burburinhos... Quem será o festeiro? Do mastro e da bandeira. Quem vai organizar a missa? Tem que ter muitos fogos, fazer as bandeirinhas? Enquanto isso, as famílias também se preparam: quem será que vem? Tem

amigos, filhos, parentes... Será que vai ter banda de música?

Saiu o convite do cartaz! Vai ficar bão! Festa! A comunidade se organiza. Uma comissão vai pedir o som para a prefeitura. A comunidade se une e faz as bandeirinhas, arrumam os altares, decoram os carros para carreatas. Tem que ter foguete! Corre, comadre, vamos avisar o povo da novena, a banda já vai vir! O café é na casa da mamãe Henriqueta! O almoço é no Hélio ou senhor Zezinho da folia. Vai ter leilão? Tem futebol: será Paracatu e forte adversário.

Vamos torcer pelos nossos jogadores. Vai ter congado? Enfim, o dia esperado. Paracatu tá lotada! Começa com a novena, é a festa de Nossa Senhora Aparecida. Na sexta, encerramento da novena. No sábado, procissão da bandeira e do mastro. De uma residência, sai a procissão da bandeira e, de outra, sai a do mastro, que se encontram na igreja.

Fogos de artifício, música e reza. Bandeira e mastro vão para igreja. Tem celebração e depois o levantamento do mastro com a banda musical de Monsenhor Horta e muitos jogos. A praça toda decorada com bandeirinhas azuis e brancas e já tem barraquinhas, o palanque para o show, daí uma variedade de ritmos: funk, máquina que coloca moedas, sertanejo.

No domingo de manhã, a carreata, a





decoreção do andor e carros se posicionando para o percurso nas comunidades vizinhas. À tarde, o futebol é decisão de campeonato! Hu! Hu! Hu! Somos campeões...

Agora correr para a missa! Depois para a procissão, o andor e banda musical e congado, logo após o almoço fornecido pelo festeiro e as lembrancinhas das crianças preparadas por um grupo de pessoas que entregam na quadra ou outro grupo que entregam presentes dos carros. Assim encerra a energia de fé. Os pais tristes a despedir dos filhos, amigos e parentes, pois o ônibus não espera.

E assim volta a vida cotidiana, mas com prosas sobre o dia da fantástica festa.

Viva Nossa Senhora Aparecida!





A melodia é composta de pássaros, maritacas e mugir do gado. Hora de tirar leite enquanto se ouvia a sinfonia da natureza e o frescor da brisa, enquanto surgia o sol.

No cair da tarde, encontro para causos e prosas, sentar na varanda ou debaixo das árvores para colocar a prosa em dia, terminando os afazeres domésticos até o último raio de sol.

A noite, o espetáculo do maravilhoso céu, a sinfonia noturna: rio, sapos, grilos, cigarras, corujas, músicas sertanejas e algum som de viola.

Descansar e esperar mais um dia para viver em paz com Deus e a natureza.

por Luzia Queiroz



RECEITA DE DONA NUNUNHA

Com base em relatos Luzia Queiroz

Luzia conta que bem cedinho estava Dona Nununha a fazer o cuscuz de rapadura, banana e queijo, no fogão a lenha. Tinha até competição com a família para ver quem ficava com o queijo. Ela diz: “E isso eu não vejo mais, porque fazer o cuscuz aqui em Mariana no fogão no morno não é a mesma coisa, não é a mesma história, não é a mesma alegria”. O fubá do cuscuz vinha da colheita do milho que era moído no vizinho com o sistema de troca.

RECEITA DE DONA NUNUNHA Por Luzia Queiroz

A coalhada que lembra Nununha! Ela fazia e saía quentinho do fogão à lenha!

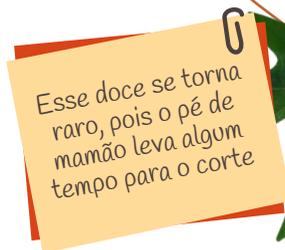
- Três xícaras de farinha de trigo
- Meia xícara de óleo
- Uma colher de sopa de fermento
- Duas xícaras de coalhada
- Dois ovos
- Uma xícara de açúcar

Bata tudo numa batedeira até que fique homogêneo e coloque a erva-doce a gosto.

Unte a forma de bolo e deixe assar por 30 minutos em fogo baixo.

A FOLHA DE MAMÃO PARA UM DOCE RARO

Por Luzia Queiroz



Esse doce se torna raro, pois o pé de mamão leva algum tempo para o corte



Caetano observa ao redor e diz: "Tem folhas de mamão ali! Mamãe fez doce de pau de mamão!", Exclama! Daí digo: "Estranho, nunca ouvi falar!". Assim começa a história do doce refinado. A textura delicada, o visual convidativo e o sabor... Que maravilha! Delicioso, parece doce de coco, mas muito melhor, digno de uma "delicatessen" de tão fino! Daí a curiosidade de como se fazia.

Se coleta o pé de mamão, quanto mais gordinho melhor. Depois, se corta até a polpa macia. Depois precisa ser ralado bem fino, com ralador artesanal confeccionado em casa. Troca-se a água várias vezes para tirar o marujo (gosto forte) em estado de fervura.

Daí leva para um tacho e vai mexendo e adicionando açúcar aos poucos, sempre mexendo. O que vi era no fogão a gás. Vai apurando até secar. Sempre tem o "pulo do gato" (segredo que não descobri!). Sabor inigualável. Feito por minha sogra Nununha.



MEU PAI E A LAMA

Por Matheus Lucas Dutra

No dia 5 de novembro de 2015, às cinco horas da tarde, lembro que estava na escola e fiquei esperando meu pai me buscar. Quando saio no portão encontro com o meu pai e vejo que ele está assustado, estava apavorado.

Ele virou para mim e falou: "Mateus, hoje não posso te levar para casa. Aconteceu uma coisa lá em Bento Rodrigues, eu vou ter que ajudar as pessoas lá".

Esperei meu pai, deu seis horas e nada dele aparecer. Sete horas, nenhuma notícia ainda. Oito horas e nada. E eu ligando e nada dele atender. Nove horas da noite e a mesma coisa. Só que nesse meio tempo, quando cheguei em casa, encontrei com minha mãe e perguntei: "mãe, por que meu pai não me trouxe e por que ele estava assustado?". Minha mãe me disse "meu filho, a barragem se rompeu, a barragem estourou e a lama passou em cima de Bento. Bento está debaixo de lama. No início, fiquei preocupado. Eu era muito novo ainda, mas fiquei preocupado.



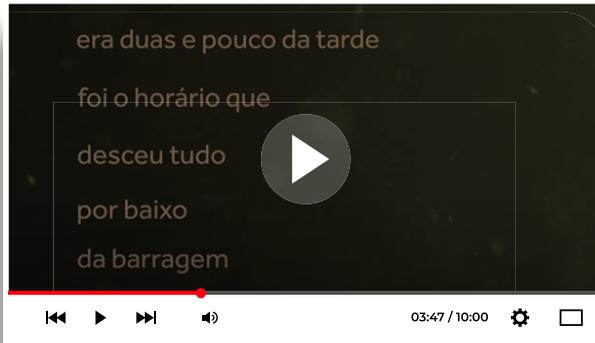
O tempo foi passando e meu pai não chegava, eu ligava para ele e nada de atender. Deu nove horas da noite e ele ainda não tinha chegado. Quando foi duas horas da manhã, eu lembro até hoje, meu pai chegou. Eu tinha começado a cochilar quando escutei o barulho da moto e na hora que eu o vi, percebi que estava todo sujo de lama e tinha machucado a mão. Eu olhei para o meu pai e ele todo sujo. Ele ainda estava assustado porque o que ele viu é de deixar qualquer um assustado, né? Gente debaixo de lama, aquela confusão toda e os bombeiros tentando salvar as pessoas. Ele ajudou a resgatar porque meu pai já fez parte do Corpo de Bombeiros, ele estudou pra isso. Eu vi no rosto dele que ele estava

bem chateado e não estava muito bem. Estava bem triste! Ver tudo isso foi uma coisa que me marcou.

Tinha uma amiga da minha mãe que morava em Bento Rodrigues, a casa dela foi destruída. E muita gente lá morreu. Os dois rompimentos de barragem tanto em Bento Rodrigues como em Brumadinho me marcaram de tudo quanto é jeito. De Brumadinho me marcou com meu pai e os conhecidos amigos da minha mãe e meus amigos. Tinha também o meu primo que morava em Furquim, mas direto ele vinha pra Mariana, mexia comigo, conhecia ele. No dia, ele foi trabalhar em Brumadinho, bem no dia a barragem se rompeu, e até hoje só conseguiram achar um osso dele.

Eu ainda era criança e hoje estou com 17 anos. Naquela época estava com 13 anos, uma coisa que me marcou bastante. Nunca vou esquecer desse dia, foi uma coisa que foi muito triste não só para mim, mas para todo o povo de Mariana. É uma coisa que marcou o Brasil, essa notícia se espalhou para o mundo todo. É uma lembrança bem triste, né?

São lembranças que fazem parte da minha história e farão parte para o resto da minha vida. E não são lembranças boas, como eu disse no início, mas lembranças que mexem comigo até hoje e eu resolvi contar, e compartilhar com vocês.



ROMPIMENTO

VÍDEO

05 de novembro de 2015: gritos, sirenes de ambulância, helicópteros de emissoras de TV, dor e muito choro. São palavras que ajudam a resumir o dia do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana/MG para quem viveu de

perto a tragédia. Em relatos fortes, moradores contam as memórias pessoais daquele dia que ficou marcado na história de vida deles, de Minas Gerais e do Brasil.

AUTORES

Luciene Maria da Silveira Alves
Marlene do Carmo
Marinalva dos Santos Salgado
Wagner Dutra

CURADORIA DE CONTEÚDO

Pablo Abranches
Natália Dornelas

Assista na Plataforma Interativa do CIT*.
www.citdorioodoce.org



*<https://www.citdorioodoce.org/repositorio-virtual/narrativas-territoriais-cit/>

ALTO RIO DOCE



TRADIÇÕES E SABEDORIA POPULAR

Autoras



FÁTIMA DA SILVA
Santa Cruz do Escalvado/MG



LUIZA SILVA
Barra Longa/MG



MÁRCIA SILVA
Barra Longa/MG



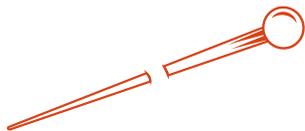
IRIS LANNA
Barra Longa/MG



PATRÍCIA MONTEIRO
Ponte Nova/MG



SILVANA ARLINDA
Santa Cruz do Escalvado/MG



BORDADO

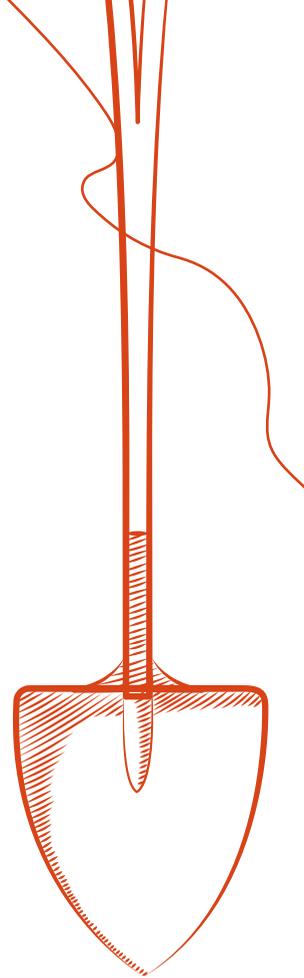
Por Márcia Mary Silva

Meu nome é Márcia Silva, sou da cidade de Barra Longa, Minas Gerais, bordo desde os nove anos de idade. Aprendi numa cooperativa onde as donas eram Zizinha e Denise. Elas pegavam encomendas, pegavam coisas que iam para a feira e começavam a ensinar as pessoas que queriam aprender. Aqui em Barra Longa, elas foram as primeiras que aprenderam esse bordado ponto cruz e começaram a ensinar pra gente.

E depois disso eu comecei a fabricar meus próprios bordados e comecei a vender. Minha irmã morava em São Paulo, começou a levar para vender para mim. Tem a Margarida que levou para mim para vender na feira quando ela foi. Uma prima minha vendeu em Ouro Preto, minha cunhada vendia em Ponte Nova. Então eu comecei eu mesma a fazer meus bordados. Inclusive hoje eu só bordo para vender. E com isso era minha fonte de renda, porque eu sou funcionária pública. Eu trabalhava na prefeitura, tenho dois filhos, a minha filha também, ela com nove anos aprendeu a bordar. Então sempre quando eu faço meus bordados ela também me ajuda e a gente sai vendendo também.

GARIMPO - FAISCAÇÃO

Esta forma tradicional de garimpo era utilizada pela maioria dos faiscaadores. O garimpo artesanal era realizado, na maioria das vezes, em grupos formados por familiares ou amigos. Para muitos era a principal fonte de renda, para outros uma opção de trabalho na falta de um emprego formal. Em média, os garimpeiros artesanais retiravam do rio cerca de 10 gramas de ouro por semana e vendiam para os atravessadores da região. A chegada do rejeito também impossibilitou esta atividade. Os instrumentos de trabalho eram confeccionados pelos próprios garimpeiros como bateia, ralo e banca, ou adquiridos facilmente como carpete, balde e alavanca. O processo de apuração era feito com muito cuidado às margens do rio ou em casa, para evitar a contaminação das águas pelo azougue (mercúrio). Tais fatos evidenciam a tradicionalidade da atividade e do modo de vida da população. Garimpeiros da região realizavam a atividade de forma artesanal, utilizando a faiscação. Os faiscaadores ainda não reconhecidos pela Fundação



Renova aguardam ações da instituição que os reconheçam enquanto tradicionais para o andamento do processo de indenização e de outros programas.

Nesta sessão além dos relatos orais da Silvana Arlinda, há entrevistas feitas por ela em parceria com a Patrícia Monteiro, em que podemos ler e conhecer um pouco das histórias contadas por: Maria das Neves, Maria do Carmo, Maria da Conceição, Adolfo Cirilo, Vicente Carraro, Maria Terezinha, Célio Cassemiro.



GARIMPO - FAISCAÇÃO

Por Silvana Arlinda Pinto

Silvana aprendeu a pescar com os pais por volta dos 12 anos de idade. Seu pai, José Vitorino Pinto, foi um grande faisgador. A sustentabilidade de sua família dependia do rio, e sua mãe lhe falava: "se a gente quiser ter as coisas para comer, a gente tem que ir para o rio". E ainda tinha a parte do garimpo, que Silvana garante que não era fácil, apesar da boa companhia da família e dos amigos.

"Mas assim, é muito gratificante, a gente lembra dos tempos lá atrás, no tempo da família toda ainda, dá muita saudade sabe? E agora infelizmente não tem como a gente pescar mais. Porque a gente também pescava, aqui em casa todo mundo sempre pescou, sempre faiscou. Meu pai infelizmente faleceu durante esse processo, mas deixou como herança para a gente a questão da pesca, da faiscação, entendeu?"

Papai faleceu em 2018, infelizmente não esperou, foi muito difícil para nós, mas é uma coisa que ele ensinou pra gente, ele e minha mãe deixaram de legado como faiscar e como pescar. É uma coisa que a gente queria passar para os filhos da gente, mas que a gente não



sabe se daqui a uns anos vai ter mais, entendeu? A gente não sabe se vai ter como pescar, se o peixe vai ter uma boa qualidade. A faiscação a gente, provavelmente... não vamos dizer que não, mas num consegue tirar o ouro mais nesse rio”.

Um desejo que Silvana tinha era de passar a tradição de saberes para o filho, Josué, mas essa possibilidade se distanciou. “Porque antigamente, por mais que fosse difícil, todo lugar que você fosse você conseguia tirar, você conseguia tirar... Mas agora você não consegue mais não, é muito minério que tá por cima. E é uma coisa que eu queria ensinar para o meu filho e que eu não sei se... porque aqui em casa é de geração, era a minha avó, minha bisavó, entendeu? E agora para os meus filhos a gente não sabe se vai conseguir passar”.



GARIMPO - FAISCAÇÃO

Por Maria das Neves

Entrevista realizada por Silvana Arlinda e Patrícia Monteiro

A gente saía cedo e não tinha esse negócio de frio, desde maio era uma serração, levantávamos 5 horas pra dar a volta e passar lá pro lado de lá do rio... a gente morava do lado de cá e vinha nadando do lado de cá. Então era divertido o garimpo, e a pesca também era divertida que a gente armava anzol a noite, quando era de manhã cedinho saía e ia lá olhar. Então era muito bom. Mas a vida no garimpo é muito difícil, mas é muito boa que a gente diverte, a gente esquece as preocupação, os trem ruim, a gente esquece porque a gente tá se divertindo ali, cê põe a marcha lá, cê vê a água correndo e daí a pouco cê olha e a banca tá pintada, do que a banca tá pintada ali, a gente vai dá um pano embaixo, rapa assim ó, o ouro pega e sai embaixo... na hora de bater é porque o pano já não tá aguentando o ouro mais e batia o pano ela pegava por água aquele pano, espremia, enrolava um tapete punha lá e lavava duas bancadas e conseguia mais de grama e meio de ouro por dia.



GARIMPO - FAISCAÇÃO

Por Maria do Carmo

Entrevista realizada por Silvana Arlinda e Patrícia Monteiro

O rio, como diz, era o que dava nosso sustento de tudo, era ouro, era peixe, era lenha, roupa, tudo graças a Deus, tudo ele dava para nós. Era nosso sustento. Eu era feliz onde eu morava porque tinha a riqueza do rio, o rio era tudo para nós. O rio era tudo para nós. Então depois que aconteceu acabou tudo para nós, porque a nossa riqueza foi embora, porque

nesse rio eu tinha minha banca, eu tinha minha pá, minha enxadinha pra poder tirar ouro na grama. Nem afundava lá, teve um dia que ele ficou. Tinha um lugar de uma fofoca... fofoca que eles falam, é um lugar que dá muito ouro, que junta. Na hora que cê fala assim: achei uma prova de ouro, tá dando muito ouro, aí junta. O ouro tem o dia dele. Às vezes eu chego aqui numa prova, aqui que eu tiro, eu trabalho o dia inteiro e tem muito ouro ali, mas quando é a tarde tem ouro que não rende, que já aconteceu várias vezes comigo. Mas a gente colocava ali. Aí ficava amarelinho aí falava "É HOJE o nosso dia".



PESCA

Por Adolfo e Maria da Conceição

Entrevista realizada por Silvana Arlinda e Patrícia Monteiro

Adolfo Cirilo de Campos foi pescador por muitos anos. Há 45 anos, é casado com Maria da Conceição. A pesca era o trabalho e a vida do casal. Ele conta:

“Comprava os anzóis, e a vara era de bambu com fio de nylon. A tarrafa eu fiz uma vez para mim, mas depois eu não quis mais mexer com isso porque é muito difícil e é muito tempo. E antes eu tinha muita coisa para fazer. Mas era uma coisa muito legal.

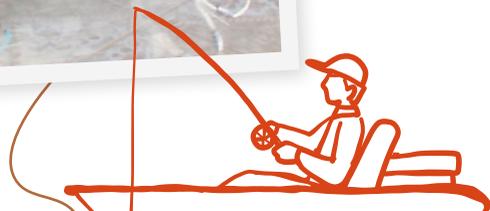
E pescar a gente pescava desde aquele tempo antigo. Pesquei desde criança, e até hoje meus aparelhos tão aí. A tarrafa tá aí. Mas vara, essas coisas não tem porque quebra. O resto tá guardado porque agora não dá mais para pescar. Agora a gente sente





muita saudade. Nesse rio deu muito estrago, muito problema. Por enquanto eu ainda não saio pra pescar, nem em outro lugar.”

Maria da Conceição também guarda lembranças da pesca em sua vida. “Eu comecei a pescar com uns 14 anos em dias de domingo, junto com minhas irmãs. Não tinha nada pra fazer, né? Naquela época, não tinha televisão. A gente pescava pra sustento. A família foi crescendo e depois continuei acompanhando meu marido. Era muito gostoso na beira do rio”.



PESCA

Por Vicente Carraro Martins

Entrevista realizada por Silvana Arlinda e Patrícia Monteiro

Quando eu casei eu já era pescador e tirador de ouro. Eu tenho 29 anos de casado. De 1982 para cá o meu patrão foi o rio. Só tirava ouro e pescava. E gosto de pescar até hoje, mas hoje está muito diferente. Eu pescava do Santana até aqui na região da nossa ponte do rio Doce.

Eu vendia para todo mundo. Às vezes eu chegava em casa e, meu Deus, era tanto peixe que nem sabia como que ia guardar esse peixe. Gente de Belo Horizonte, gente de tudo quanto é lado comprava peixe na minha mão. Eu pegava pacumã, dourado, traíra, matrixã, cascudo, timburé, piaba, tilápia. Vários peixes. Cada época tinha um tipo de peixe diferente. Eu pegava mais dourado e pacumã, peixe que dava mais renda, maior, né?

Vou falar pra você, hoje dá até tristeza de ver o nosso rio aí, ficou ruim até da gente



andar na beirada, que ficou perigoso esses barro fedorento.

Na época que dava peixe eu aproveitava mais... Não é direto que dá peixe, tem o tempo certo. E tem a lua melhor pra pescar. Tem dia que, às vezes, não pegava nada, era muito difícil. Hoje eu peguei pouco, amanhã eu pego mais. Aí depois... amanhã eu não pego nada. Então tem que insistir, porque o peixe não é todo dia não, tem as fases de pegar ele. Tem a época da piracema. A lua melhor pra pegar o peixe é a lua minguante. E a lua cheia pra você pegar o peixe de couro: cascudo, pacumã. E a lua minguante é mais pro



peixe de escama: traíra, dourado, pacu...”

Vicente conta de um dia que marcou sua vida: “Eu ia ser testemunha de um casamento no rio Doce e eu todo social, desci lá pra pegar os peixes. Cheguei lá comecei a ir pescar e eu peguei três meio saco de peixe nesse dia, num ritmo rápido, cheguei lá parecia que tava assim igual pipoca na panela, os bicho pulando.

Eu fiquei bobo, nunca mais aconteceu isso na minha vida. Nesse dia eu abri também, abri os peixe tudo. Jogava aquele meio saco de peixe nas costas e ia subindo até chegar lá em cima, dei duas viagens até lá em cima. Mas foi depois do casamento, que eu ia pra chegada do casamento e depois voltei rapidinho pra eu ir pescar.

Eu desci, eu peguei tanto peixe que isso ficou marcado. Aí cheguei em casa todo melado de peixe, que o peixe depois que cê limpa dá aquela baba, aquele troço né? E Tereza ficou nervosa. “Ô Tereza, eu to fedendo dinheiro”.



CULINÁRIA

Por Márcia Mary Silva

Sobre a confeitaria eu sempre gostava de fazer o aniversário da minha filha, e tinha uma pessoa que fazia o bolo para mim. Só que essa pessoa no dia do aniversário da minha filha falou que não podia fazer esse bolo. Eu fiquei muito triste e comecei: "mas eu vou fazer o bolo, eu mesma vou aprender e vou fazer o bolo". Comecei a fazer o bolo, o primeiro bolo que eu fiz. Aí eu comecei a ficar interessada por isso, na confeitaria. Aí depois eu fui só aperfeiçoando, aperfeiçoando e fui fazendo os bolos. Eu fazia bolo de raspa de chocolate, de brigadeiro. Só que eu não sabia fazer bolo de Chantilly, bolo com personagem. Aí como eu fazia os bolos e a filha ficava observando, aí minha filha começou a aprender a fazer os bolos também. Aí ela faz também, qualquer personagem que pedir a minha filha sabe fazer. Quando são bolos personalizados, minha filha faz, quando é bolo de raspas de chocolate eu faço. E a gente começou a fazer assim: eu faço o de raspa de chocolate e minha filha faz de coisas personalizadas, tudo que pedir ela sabe fazer.

RECEITA DE PALHA ITALIANA DE NINHO

Por Luiza Silva

Ingredientes:

- 2 latas de leite condensado
- 1 caixa de creme de leite
- 4 colheres de sopa cheia de leite ninho
- 2 colheres de sopa rasa de margarina
- 2 pacotes de biscoito de maizena

MODO DE PREPARO

Em uma panela coloque o leite condensado, a margarina, o leite ninho, e o creme de leite. Mexa até ficar homogêneo, ligue o fogo e mexa até desprender da panela.

Após isso, pegue uma vasilha, dê uma quebrada no biscoito de maizena grosseiramente e junte ao brigadeiro de ninho que está na panela, até ficar bem misturado.

Em seguida pegue um tabuleiro untado com margarina, despeje o brigadeiro, corte os pedaços e deixe esfriar. Por último, envolva a palha italiana no açúcar refinado ou no próprio leite ninho.



CULINÁRIA

Por Maria Terezinha

LICOR DE JABUTICABA DA MARIA TEREZINHA

INGREDIENTES:

- 250g de açúcar
- 250ml de água
- 250ml de álcool de cereais
- 500g de jabuticaba

MODO DE FAZER:

1. Lavar a jabuticaba, esmagar aproveitando a casca e a polpa e o suco e a semente.
2. Deixar infusão no álcool durante 24 horas.
3. Colocar em panelas e coar em flanela.
4. Fazer o xarope. Misturar o xarope frio à infusão da jabuticaba e engarrafar.

Já fiz muito, já vendi muito, já ganhei muito dinheiro. Quem deu o curso era uma mulher... Como que ela chamava?... Esqueci... não lembro agora do nome dela. Aí eu comecei essa época. Essa época ela deu curso e eu continuei, e faço até hoje. Continuei fazendo, vendendo.



Coloca a jabuticaba aqui em infusão nessa garrafa, tá aqui dentro a jabuticaba. Aí vem, coei na flanela. E depois de coado na flanela, agora eu vou coar no papel melita. Coei, tô coando no papel melita várias vezes. Várias vezes, vai coando, depois que coa no papel melita umas dez vezes, que tem que ficar bem picadinho, aí é que eu vou engarrafar.

CULINÁRIA

Por Célio Cassemiro



Célio herdou o alambique de seu pai, José Silvério, que começou o negócio da família por volta da década de 1950, e em 1980 ele assumiu o comando junto com o irmão.

“Aí nós começamos a modificar, no tempo dele a gente puxava a cana no carro de boi e o alambique, tinha fogo debaixo do alambique. Então assim, era uma dificuldade muito grande, mas a gente aprendeu fazendo aquilo e foi ampliando.

Hoje, a fábrica é bem diferente da de antes. Foi tomando conhecimento. Aí nós

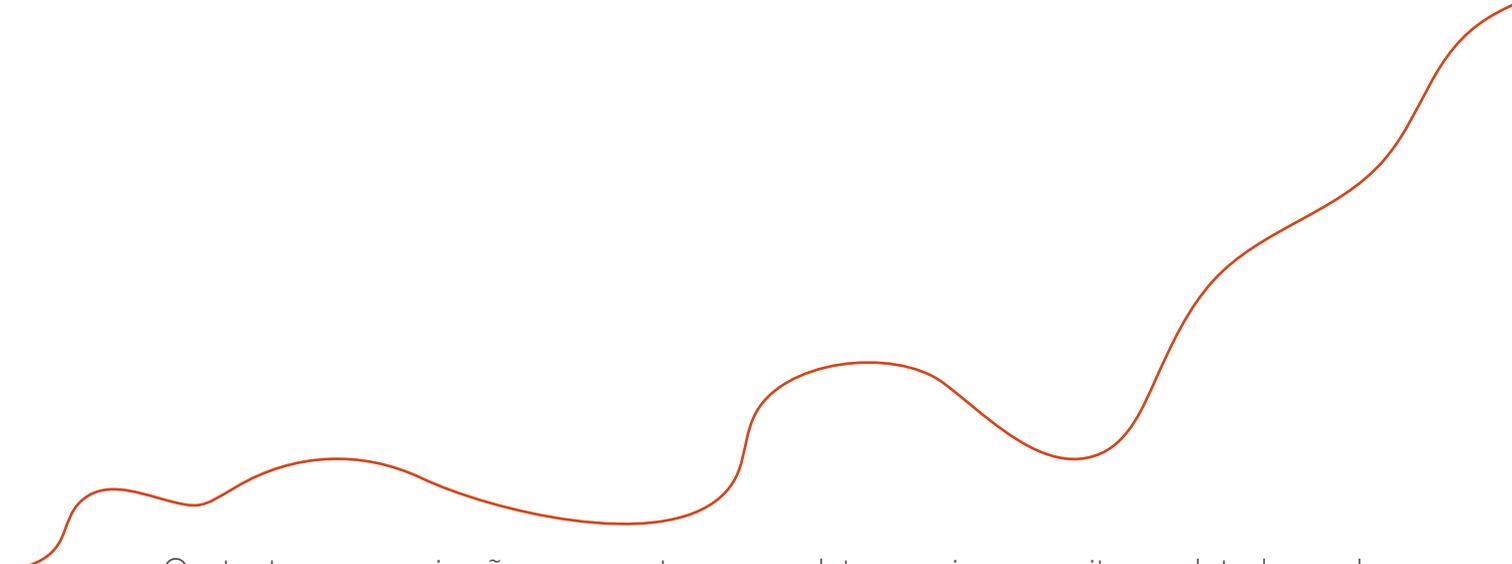


já mudamos o engenho, depois nós mudamos para caldeira, era um alambique, nós colocamos dois, e fomos ampliando devagarzinho. Hoje a gente, graças a Deus, tem o caminhão pra puxar cana e foi aumentando as coisas devagarzinho.

Agora, uma coisa que nós não mudamos foi a fermentação que nós aprendemos. Fizemos curso, fizemos um curso sobre cachaça, mas a fermentação continuou a mesma, é a fermentação natural, fermentação artesanal, que a gente trabalha com fermentação de fubá, é uma fermentação natural. Então isso não mudou, a qualidade é a mesma. O nome da cachaça aqui é registrada como cachaça cristalina”.

Célio ainda cita os nomes de Maria Cristina, sua esposa, Matheus Lacerda, e os filhos de Paulinho que ajudam ele no alambique, Vitor e Paulo Junior.





Os textos a seguir são compostos por relatos orais e escritos coletados pelos participantes do Trilhas de Memórias. São olhares pessoais de festas tradicionais religiosas de quem vivenciou o rompimento da barragem de Fundão, e que agora são compartilhados neste capítulo.

FESTAS TRADICIONAIS

Autores



AIRTON MOL DE ALMEIDA
Rio Doce/MG



GERALDO CÉSAR
Rio Doce/MG



AFONSO CIRÍACO
Barra Longa/MG



MARIA ERCILIA FERREIRA
Barra Longa/MG

FESTA DE CORPUS CHRISTI

Por Maria Ercília Ferreira

A festa de Corpus Christi é realizada logo após a Semana Santa. Não sei a data certa porque cada ano acontece numa data, mas é após a Semana Santa. Como ela é realizada? O padre sai com o Santíssimo Sacramento da Igreja, percorre as ruas da cidade que são decoradas. Elas são ornamentadas, as casas são todas decoradas e é uma tradição bem antiga de Barra Longa/MG, local onde todos os barralonguenses participam e vão para as ruas enfeitá-las. Ajoelhados no chão, enfeitam-se com flores, com serragem e os tapetes vão ganhando formas.





A minha relação com a festa é que eu sou católica e ela é bem tradicional na cidade, além do fato de participar na confecção desses tapetes. Eu e minha família nos agachamos no chão, assim como os vizinhos que me ajudam e a gente faz isso com uma fé muito grande no corpo de Cristo. É isso aí que nos leva a ter esse “trabalho”, que para nós é um prazer muito grande de sermos católicos e estarmos prestando esta homenagem ao Cristo Ressuscitado. É uma festa bem tradicional.



FESTA DE SANTO ANTÔNIO

Por Airton Almeida

O meu conhecimento da Festa de Santo Antônio começou em 1989, quando me mudei para o Rio Doce. Eu tinha por volta de oito, nove anos e participava daquela festa nas quais as famílias riodocenses também participavam e comemoravam a data festiva do padroeiro da cidade. Eram 13 dias de brincadeiras, barraquinhas e missa. O show de calouros com a vinda dos radialistas de Ponte Nova, junto do Geraldo César, o pessoal da área da catequese participava, todo mundo envolvido. Isso mostrava que a nossa cidade tinha um carinho muito grande um com o outro e mostrava uma união familiar. Parecia que não tinha



distinção de pessoas uma com a outra, todo mundo fazia parte de um contexto.

Atualmente, me desvinculei da Igreja Católica. Sou evangélico. Até por isso achei melhor que o Geraldo desse o depoimento, que era um cara envolvido com a organização da festa. Eu também participei de grupo de jovens, participei

de coral da igreja, participava de muitas coisas junto com o padre Sebastião, cheguei a ser coroinha dele.

Particpei de muitas brincadeiras e até fui auxiliar de palco do Geraldo em duas ou três festas, ajudando-o nos bastidores das apresentações. Era uma festa muito gostosa, como ele relatou, vinham pessoas de várias cidades. Era uma festa que trazia um movimento para a cidade, e isso foi se perdendo com o tempo. Como relatado por ele, a lama não trouxe nada que prejudicasse o andamento da festa, mas desde a época da construção da Usina Risoleta houve essa migração de pessoas que vinham de fora para trabalhar e que superlotavam a cidade. Na verdade, a cidade ficou muito movimentada e isso causou certo transtorno para



as pessoas que vinham visitar nossa cidade. Passaram a não vir por não ter mais casa para ficar, a casa de parentes estava cheia ou estava alugada por alguma empresa.

O pessoal querendo aproveitar esse momento para fazer dinheiro, eles alugavam metade da casa ou saíam da própria casa para poder alugar. Isso fez com que desde aquela época diminuísse um pouco a vinda do pessoal para participar da festa. E a alternância de párocos, vieram um atrás do outro e cada um querendo escrever sua história e fazer da sua maneira a festa, e talvez por isso ela foi perdendo com o tempo a tradicionalidade que tinha. E até a própria legislação, que antigamente a gente enterrava um galo no chão e punha uma venda nos olhos da criança e rodava ela para tentar matar o galo. Hoje não se pode mais fazer isso. E muitas coisas vão se perdendo com o tempo por causa da tecnologia e das inovações. Isso vem roubando espaço, fazendo com que a unidade da nossa cidade acabe se dividindo e voltando cada um para o seu núcleo familiar e a história vai se perdendo com o tempo.

FESTA DE SANTO ANTÔNIO

Por Geraldo César



Existia aqui em Rio Doce o saudoso padre Sebastião Inácio de Moura, que era um padre antigo, da ala conservadora da Igreja Matriz, da Igreja Católica Apostólica Romana, e que comandava a paróquia e a Arquidiocese de Mariana. Ele um dia chegou para mim e falou assim: "Geraldo César, estou precisando de uma pessoa para animar a festa de Santo Antônio". A festa estava muito desanimada nos últimos tempos, quando ele ainda estava aqui como pároco de Rio Doce. Então, começamos desde o dia 1 de junho até 13 de junho a animar a festa de Santo Antônio, né?

Eu conhecia o pessoal da rádio e ia até Ponte Nova e levava os cartazes com a propaganda da festa. Eles faziam propaganda o tempo todo, desde primeiro dia de junho até o dia 13 de junho. Faziam propaganda e à noite eles iam para o rio Doce ajudar a celebrar a fé em Santo Antônio.

Com isso, depois terminava a festa. A missa tinha um show de calouros, o padre servia um jantar pra gente lá na casa paroquial e o pessoal se divertia de montão. Depois partíamos para a praça até a festa de Santo Antônio. Tinha o show de calouros, e participei por muitos anos. Eu era o apresentador oficial do show



de calouros, juntamente com alguns amigos e colegas que ajudaram a organizar. Era bem divertido! Era o tradicional show de calouros, que também chamavam de "A grande chance". Tenho muita saudade daquele tempo que parece que não volta mais. Era a Trezena de Santo Antônio. São 13 dias de missas, procissões, penitências, barraquinhas, leilões etc. Era festejado com muita alegria pela família católica de Rio Doce durante treze dias, antes da Festa de Santo Antônio, festejada dia 13 de junho.

A Festa de Santo Antônio era muito tradicional e trazia muitas alegrias, muitas belas recordações, que envolviam a região toda de Rio Doce, a região de Dom Silvério, a região de



Alvinópolis, a região de Santa Cruz do Escalvado, até a região de Ponte Nova e era uma Festa que trazia marcas e grandes acontecimentos, que ficaram na saudade. Tenho o prazer muito grande de ter participado da Festa de Santo Antônio de Rio Doce, desde o dia primeiro de junho no alto falante da Igreja Matriz. A gente

fazia as chamadas, os convites para as pessoas participarem da missa, da barraquinha, das procissões. Tenho uma saudade grande pelo envolvimento que tinha, não só eu como toda família católica de Rio Doce daquela época. Eu acho que ficou na história. Está na lembrança a Festa de Santo Antônio de Rio Doce, que trazia muitas emoções e muitos acontecimentos. Era a marca de Rio Doce, já fazia parte do calendário que era lembrado por todos e que toda a comunidade católica da região de Rio Doce e das cidades vizinhas participaram. A Festa de Santo Antônio, na minha opinião, era uma das maiores festas religiosas de Rio Doce, depois vem a Festa Caminhada de São José no dia 26 de julho.

CAMINHADA DE SÃO JOSÉ

Por Afonso Ciríaco

Meu nome é Afonso Ciríaco e quero falar um pouco sobre a caminhada de São José. Eu morava na zona rural de Barra Longa, Minas Gerais, às margens do rio Carmo, quando desceu um mar de lama e eu fui obrigado a ir para a cidade de Barra Longa.

Mas na minha chegada a essa cidade, conheci o padre que aqui estava. Foi quando ele me convidou para uma Caminhada de São José, que sairia de Rio Doce até a cidade Barra Longa. Um percurso de mais ou menos uns 30 km. Todos que participaram na primeira caminhada voltaram em todas as caminhadas, e depois foi uma coisa muito



impressionante e muito bonita.

Através dessa caminhada aconteceu a união das pessoas. O conhecimento uniu as pessoas que estavam distantes umas das outras, pessoas que às vezes não se importavam com o outro passaram a se importar, passaram a dar mais atenção. Uma caminhada que era a coisa mais significativa, a coisa mais linda que eu já vi, porque a gente saía com a missão de caminhar em paz com a vida.

Na primeira caminhada participaram mais de 70 pessoas. E tinha velhos, crianças, jovens, tinham terceira, segunda idade, todas as idades. E era um percurso que saía de Barra Longa em um ônibus fretado pela Igreja até a cidade de Rio Doce.

Chegando em Rio Doce, no primeiro ano, nós chegamos na faixa de cinco horas da manhã, daí fizemos orações. Começamos a caminhar e nessa caminhada nós gastamos na faixa de seis horas, mais ou menos, só subindo na beira rio, só subindo!

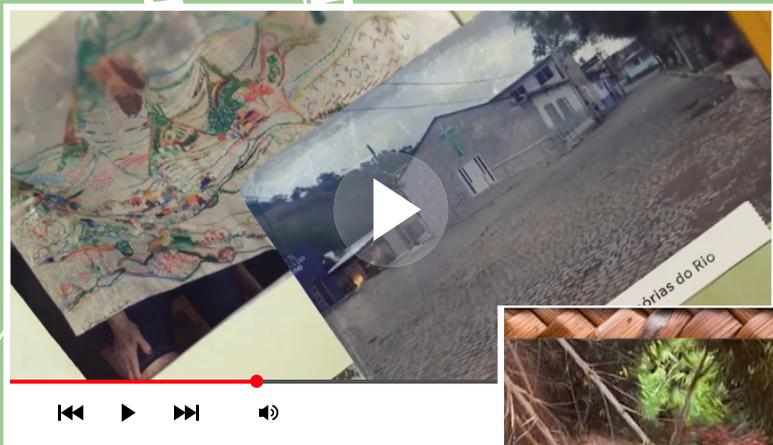
Lá acessamos a trilha São José, essa estrada que liga Barra Longa ao rio Doce. Aí nós viemos por ela, chegamos na cidade e esperamos a equipe toda chegar, todos os que estavam para trás, porque vai chegando gente pingado, na frente, no meio. Os últimos a chegarem na cidade chegaram por volta de duas horas da tarde. São as pessoas mais idosas, os mais fracos, que andavam menos. E apesar do carro de suporte, enfermeiro, tinha tudo

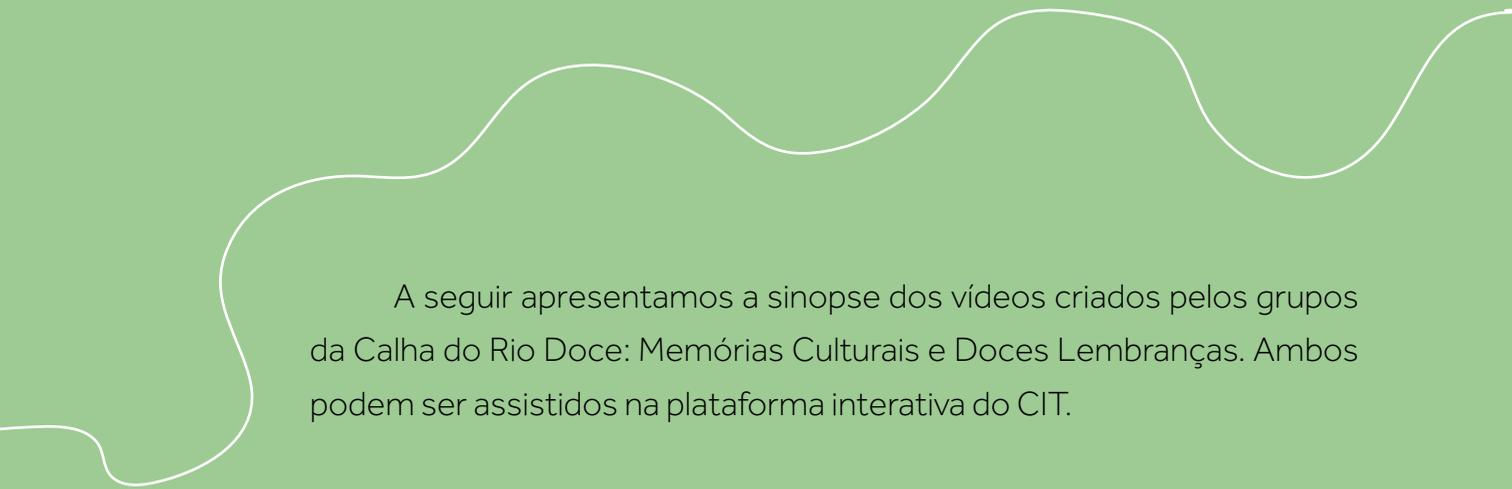
na caminhada porque tinha muita gente de idade, criança, então era obrigado a ter pessoas capacitadas para ajudar a servir o que for preciso: alimento, frutas, café e água à vontade pra ninguém passar sede durante o percurso.

E ao chegar à cidade, fomos até a igreja, que era ponto final da caminhada para receber a bênção e as orações para ir pra casa. Aí que a gente via o acolhimento das pessoas da cidade que ali moravam. Quando a gente tava chegando na cidade encontrava todo mundo aplaudindo, todo mundo filmando, batendo palma, agradecendo. É um marco muito importante pelo qual passei neste momento aqui na cidade, nessa caminhada.

E depois que veio a pandemia, infelizmente parou com tudo. E agora ter a esperança de que um dia nós voltaremos a caminhar de novo. E se Deus abençoar espero que esteja vivo até lá também para estar junto com essa turma para novas caminhadas e para coisas mais lindas que faremos pela frente. Um abraço!

CALHA DO RIO DOCE





A seguir apresentamos a sinopse dos vídeos criados pelos grupos da Calha do Rio Doce: Memórias Culturais e Doces Lembranças. Ambos podem ser assistidos na plataforma interativa do CIT.



MEMÓRIAS CULTURAIS

VÍDEO

O vídeo tem como tema as memórias culturais e revela paisagens, histórias, causos da região e ofícios como o bordado e a cultura ribeirinha, além dos impactos vivenciados pelo rompimento da barragem de Fundão.

A poesia é o que conduz o vídeo, a partir de memórias partilhadas, e relata as mudanças que aconteceram com o rio e os sentimentos de tristezas e alegrias guardados na memória, assim como saberes desses lugares e seus povos.

AUTORES

Denise de Castro Pereira

Elaine Cristina Malaquias de Souza

Genilson Carlos dos Reis Pereira

Marlene Imaculada Carlos

Marly de Fátima Silva Gomes

CURADORIA DE CONTEÚDO

Mayan Amâncio

Nuno Perim

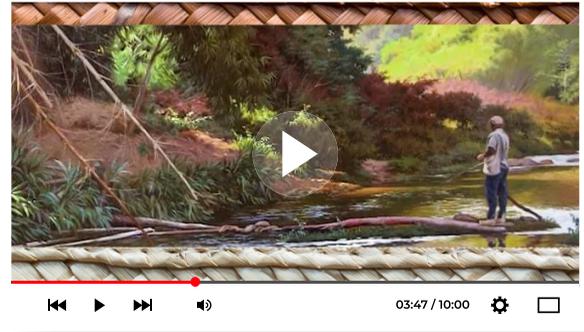
Assista na Plataforma Interativa do CIT*.
www.citdoriodoce.org



*<https://www.citdoriodoce.org/repositorio-virtual/narrativas-territoriais-cit/>

DOCES LEMBRANÇAS

São muitas as histórias e paisagens em mais de 800 km de extensão do rio Doce. As memórias visuais e as possibilidades que o rio oferece estão na narrativa central desse vídeo. O rio que oferta o alimento, o lazer e o sustento de muitas famílias está sob risco. É preciso deixar registrado suas "Doces Lembranças".



AUTORES

Giovanne de Freitas

José Rosário de Castro Souza

Júlio César de Lima

Vera Maria das Graças de Assis

CURADORIA DE CONTEÚDO

Pablo Abranches

Nuno Perim

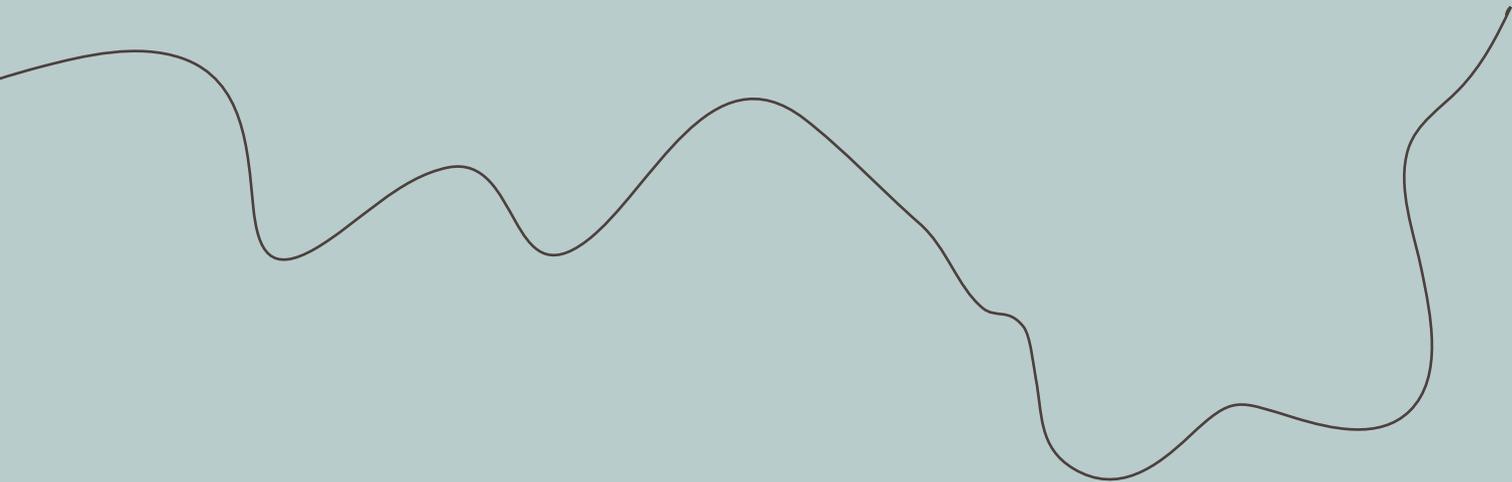
Assista na Plataforma Interativa do CIT*.
www.citdorioadoce.org



*<https://www.citdorioadoce.org/repositorio-virtual/narrativas-territoriais-cit/>

MÉDIO RIO DOCE





Os textos a seguir são compostos por relatos orais e escritos coletados pelos participantes do Trilhas de Memórias. São olhares pessoais sobre a relação com a família e o rio Doce, as possibilidades de trabalho e lazer ofertadas por ele e um alerta sobre a necessidade de ações educativas em relação a nossa convivência com a mineração.

PESCA

Autores



JOELMA FERNANDES
Governador Valadares/MG



MARTINHA ALVES
Naque/MG



JOSÉ PAVUNA
Tumiritinga/MG



PEDRO HENRIQUE MADEIRA
Aimorés/MG

MEMÓRIAS RIBEIRINHAS

Por Joelma Fernandes



Quando lembro de pesca, lembro do pai. A gente indo, pai batendo tarrafa e eu ficava em cima dos lajeiros de pedra desde pequena. Pai subia nos lajeiros, a gente ia com caíque até onde dava para ela ir.

Tinha o ferro que deixava ela ancorada em cima das pedras. Então colocava-se na corrente uma ponta de ferro e a gente colocava em cima das pedreira para poder subir. E ali a gente ficava. O pai batia a tarrafa e eu ficava segurando o saco.

Desde pequena fazia isso com o pai, até que ele me ensinou a bater tarrafa. O pai gostava de bater tarrafa naqueles lajeiros lá de São Pedro. Vinha com



saco e mais saco de cascudo. Cascudo laje, cascudo viola.

Era aquela festa. Então, quando lembro de pesca, lembro que eu fui criada comendo peixe do rio Doce desde que era pequena. Eu sou a mais velha, aí o pai fazia o caldinho para os meninos ainda bebê, com quatro e cinco meses. O pai dava caldinho de peixe, fazia a cabeça e falava que era bom para a memória.

Fazia moqueca de cabeça porque o cascudo geralmente a gente vendia e sobrava a cabeça. Tirava o couro, vendia a carne e a cabeça a gente fazia moqueca, um prato que comemos muito em nossa vida. E o couro do pacumã púnhamos para secar, virava torresmo, cortava e quando fritava virava torresmo da pele de pacumã.

Ao lembrar do rio Doce me vem todas essas imagens. Às vezes, o barco agarrava e eu entrava na água e ficava empurrando. E o pai, por sua vez, tentava nos chamar a atenção com catuá (uma ferramenta de madeira ou bambu que se usa para tocar o barco). E quando conseguia desgrudar, falava: "Entra no bote, Joelma!".

Eu não entrava, o pai metia a "catuazada" na minha cabeça por conta da teimosia já





que não queria sair de dentro d'água. E a nossa vida era assim: era tirando areia e rolando cascalho nas pescarias e nas ilhas que a gente sempre teve de onde tirávamos o nosso sustento nas plantações de banana, batata doce, taioba e muitas outras. Nossa vida sempre foi assim às margens do rio Doce, no bairro São Pedro, de onde não pretendo sair.

Pai veio da cidade de Aimorés, e meus avós já faziam isso. Pai tecia a sua rede, fazia esse seu coador, às vezes até para vender para as casas de pesca aqui debaixo da rodoviária de Valadares, fazia as redes, tarrafas. É uma tradição familiar. Veio dos meus avôs para o meu pai, do meu pai para mim e de mim para as minhas filhas. Eu e Lira gostaríamos de passar isso, lavrando na terra, plantando mandioca, batata doce, a fartura que as ilhas nos davam e o rio também, assim como os peixes.

Nadar era comigo mesmo, sempre gostei de mergulhar nas águas do rio Doce e assim é nossa vida. Queria passar esse legado para as minhas netas, mas pelo andar da carruagem, infelizmente não vai dar. O próprio juiz sobrevoou e falou que nem daqui a mil anos esse rio estaria limpo.

Se recuperarem as nascentes, a “mãe natureza” responde. Só que tem que ir às nascentes, nos afluentes, e preservar para que venha a limpar o nosso rio Doce e que nós possamos sonhar novamente.

Eu não renuncio ao meu rio. Não desisto de ter terra do lado de cá e deixar de plantar nas minhas ilhas.



MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS

Por Martinha Alves



Filha e sobrinho, Emily e Pablo, respectivamente, nadam no rio Doce antes do rompimento da barragem de Fundão. Atualmente, ambos são adolescentes.





CARTA PARA TUMIRITINGA E TODO O VALE

Por José Pavuna

Meu nome é José Pavuna Neto, tenho 57 anos e todo esse tempo morei aqui em Tumiritinga. Estudei em escola pública e nunca ouvi falar em uma barragem que rompesse e fosse capaz de matar o rio Doce. Hoje essa é uma das minhas lutas para que todas as escolas do vale tenham uma disciplina sobre o tema “Mineração”. Fomos enganados até então.

O rio era poluído com esgoto e coliformes fecais, mas não com material cancerígeno ou metal pesado nocivo à saúde tanto do homem quanto dos animais e peixes. Tínhamos o prazer de poder banhar em suas águas a qualquer hora ou dia, sem se preocupar em ser contaminado ou pegar alguma doença grave. Aqui em Tumiritinga temos a única praia desse rio ao longo de toda sua nascente até a foz.

As águas eram usadas tanto para matar a sede dos animais como para irrigar nossas plantas e hortas. Hoje isso não é possível mais, pois temos medo de irrigar hortaliças com as águas do rio Doce. Temos medo de comer seus peixes, medo da contaminação lenta por

algum metal pesado.

Precisamos buscar ou construir uma forma de conviver com isso.

Nas cabeceiras dos nossos rios tem mineradoras que ficam cada vez mais ricas e o nosso vale cada dia fica mais pobre.

Precisamos ter uma alternativa de convivência com a mineração.

Precisamos de políticas compensatórias não só para as prefeituras, mas, principalmente, para nós atingidos, pescadores e ribeirinhos. A Vale paga um royalt pra prefeitura, mas não chega aos atingidos.

Buscar alternativas de ter nossa vida de volta por meio da compensação ou benfeitorias nas áreas atingidas deve ser construído.

Qual será o futuro das novas gerações que aqui viverão? O que vai sobrar pra elas? Como continuar as atividades agrícolas dos seus antepassados com esse rio contaminado?



Pavuna, atingido pela lama da Samarco no assentamento Cachoeirinha em Tomiritinga.



"Visual notes from Rio Doce" por Giuseppe Orlandini

Com todos os ribeirinhos fazendo poços artesanais ou semi-artesianos para irrigar suas hortas e matar a sede dos seus animais, qual será o futuro da nossa região?

Nas encostas dos nossos morros não tem nada de vegetação ou alguma forma de contenção de água como por exemplo, uma barraginha – uma estrutura de caixa seca em curva de nível

para segurar a água da chuva no solo – impedido de correr pro rio contaminado.

Essa é minha carta. Gostaria que fosse distribuída para todo o vale para conscientizar os pensamentos de todos e, principalmente, aos atingidos pela lama.

Tumiritinga, Minas Gerais, 04 de novembro de 2021

LEMBRANÇAS DE PAZ E TRANQUILIDADE PARA A VIDA DE UM PESCADOR



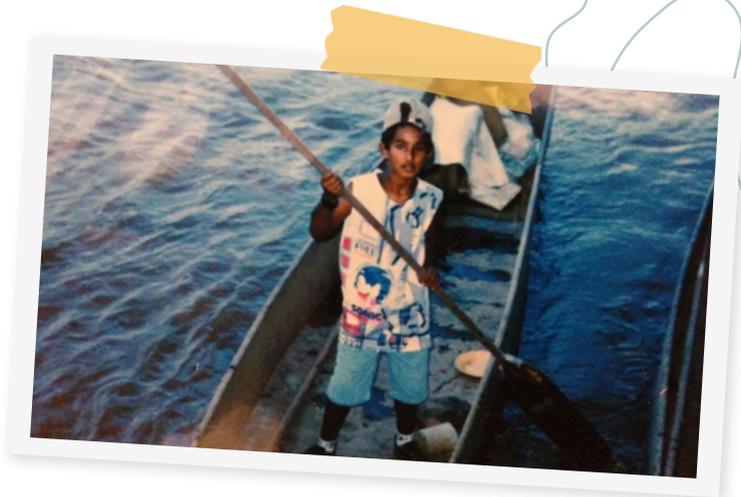
Por Pedro Madeira

Meu nome é Pedro Henrique Madeira Bacelar, nascido em Aimorés, Minas Gerais, filho de Luzinete Madeira, pescadora, Gilmar Bacelar, caminhoneiro e pescador. Tinha como referência a família dos madeiras como pescadores, que foram formados pelos meus avós Beneir Madeira, Laura Rocha Madeira, Lúcio Madeira, Benilde de Madeira, Lucilla Madeira, Belizethe Madeira e minha mãe Luzinete.

Com todo esse vínculo, nasci e fui criado no meio das atividades da pesca no rio Doce. Minha família tinha um restaurante chamado Tia Laura, local onde todos os finais de semana eu pescava numa varandinha em cima do restaurante que dava para o rio Doce. Eu pescava de anzol, Lambari com isca de massinha, porque eu não podia pescar com minhoca por se tratar de um restaurante.

Pescava Lambari colocando no baldinho e alguns clientes ficavam curiosos e até compravam alguns peixes. Eles pediam para fazer uma porçãozinha frita, era uma emoção.

Tive essa rotina até o restaurante fechar. Além de pescar, brincava de pique pega dentro do rio e fazia churrasco de peixinho assado na folha de bananeira enterrado na areia. Tempos excelentes! Depois comecei a visualizar algum ganho com a pesca, mas também queria aprender uma outra profissão. Então fui trabalhar com a família do meu pai, como



ajudante de mecânico. Trabalhava de 07h até 17h, no início tudo estava bem, mas 30 dias trabalhando para ver dinheiro, isso significava 30 dias sem farra para um garoto de 18 anos de idade. Eu pensei: vou fazer um extra, aí voltei a pescar das 18h a 23h durante quatro dias da semana com rendimento médio de 150 reais por semana, sem contar petisco (camarão) que salvava para a farra de final de semana.

Depois de quatro anos, decidi tentar outra profissão, mas rodava e rodava e voltava a pescar. Era o tempo, o peixe significava dinheiro, era alimento e era sustento da minha casa. O rio, um lugar de passar o tempo, os momentos de lazer, para tirar o estresse – era momento

terapêutico - mas tudo se foi com a chegada da lama. São lembranças que meu filho não vai ter oportunidade de fazer parte, às vezes encontro meus amigos e relembramos as pescadas, as bebedeiras na beira do rio Doce.

A esperança é a última que morre, mas a certeza que o nosso Rio não volta é um sentimento muito vivo.



MEMÓRIAS DO RIO DOCE: LÁGRIMAS DE RIBEIRINHAS

Autores



ALICÍIA E DELTRUDES FERRAZ
Galiléia/MG



IRIS FERNANDES
Conselheiro Pena/MG



CELI MARQUES
Conselheiro Pena/MG



IVANI BORGES DE SOUZA
Galiléia/MG



MANOEL FERREIRA
Governador Valadares/MG



Memórias do rio Doce: lágrimas de ribeirinhas foi desenvolvida por moradores atingidos às margens do rio Doce, pela tragédia ocorrida na barragem de Fundão, em Mariana, Minas Gerais. Trata-se de poemas, relatos, contos e descrição de memórias.

MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Baseado em relatos de Deltrudes
Ferraz Pardinho

Ao ser entrevistada por sua filha Alicéia, Deltrudes conta como era o seu processo de produção artesanal com plantas ribeirinhas do rio Doce e como ele foi afetado depois do rompimento da barragem.

Bom dia, boa tarde e uma boa noite. Eu sou Deltrudes Ferraz Pardinho. Meu pai se chamava Orlando Ferraz e minha mãe, Conceição Sergina e meu esposo se chama Otelino Pardinho. Tenho o apelido de Todinha.

Estou participando do projeto Trilhas de Memórias. Estou representando os meus



artesanatos. São feitos com muito amor, com muito carinho. E todo o material - graças a Deus! - que eu trabalho vem da margem do rio Doce. Mas, infelizmente, ele foi afetado. Muito, muito, muito. O meu material eu não tô tendo condição de colher mais. É tudo natural, as coisas com que eu trabalho.

Eu me sinto bem fazendo meu artesanato. Eu comecei em 1969. Foi quando vim morar em Conselheiro Pena. Então, comecei a ter gosto de trabalhar com a semente, com as coisas naturais do vale do rio Doce.

Aqui, os meus trabalhos, os meus artesanatos que eu trabalho, não são para vender. É que eu tenho muito gosto de



trabalhar fazendo meus artesanatos, com muito carinho. Gosto de fazer coisas pra enfeite pras casas, enfeites para comércio.

Gosto muito de fazer por carinho, de trabalhar nas coisas naturais. Isso aqui tudo eu (mostra um de seus trabalhos durante a entrevista) que fabrico com os meus próprios braços, com as próprias mãos. Os que eu tranço de paineira, eles juram que é lixo. Eu pego para fazer esse luxo! (Dona Todinha mostra o artesanato em paineira durante a entrevista).

Deus é que faz, eu só arrumo. As garrafas que eu pego no lixo, eu faço o trabalho com as sementes, com as tranças dos materiais que eu gosto de colher. Tem cortina para a porta também que faço. (A entrevistada mostra a arte com sementes, enquanto conta as histórias). Eu pego nas margens do rio Doce, dos cocos, dos coqueirinhos. Agora, já não tenho mais, já tá tudo defasado. **E espero que, no futuro, o rio Doce consiga recuperar as boas coisas que tinha antes. Eu vou deixar de lembrança para os meus netos, pros**



meus filhos, até pros meus bisnetos. Para aqueles que eu gostaria.

Muito obrigada pra quem ver e quem gostar bem, quem não gostar paciência. Quando eu panho essas folhas, eu ponho pra secar, eu recorto. Às vezes, pinto, mas, às vezes, deixo tudo natural.

Eu só tenho a agradecer por essas obras que são Deus e eu e as minhas mãozinhas que fazem. Isso aqui é para mim uma terapia. É isso aqui - que é abaixo de Deus - que é a minha diversão. Eu tô muito feliz de participar desse projeto. Espero que Deus abençoe não só eu, mas todos os participantes.

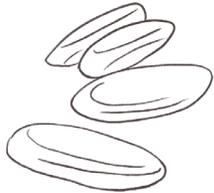
ALGUMAS SEMENTES IDENTIFICADAS, QUE SÃO UTILIZADAS NAS ARTES DE DONA TODINHA:



AGUAÍ *Thevetia peruviana*



OLHO-DE-BOI *Dioclea violacea*



FLAMBOYANT *Delonix regia*



ANGELIM TENTO *Ormosia friburgensis*



Minha mãe,

Ela é uma estrela além do tempo, tem um verdadeiro caso de amor com a vida. Gosta de arte, cores, aromas, sabores e sensibilidades. Tem mãos mágicas, e um coração que sempre vai fazer parte deste oásis chamado rio Doce, esse que ainda guarda muitos segredos. Faz seu remanso mesmo gemendo, leva esperança novamente para todos nós, que sonhamos vê-lo com vida plena novamente. Queremos trazer à memória tudo que nos dá esperança.

Alicéia Ferraz Pardino Ferreira.

MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Por Iris Fernandes



Meu nome é Iris Fernandes, resido em Conselheiro Pena e tenho comércio em Galiléia, no Porto da Balsa. O nome do comércio é Quiosque Castanheira, e o porquê desse nome, é que há muitos anos lá tinha uma casa antiga, às margens do rio Doce e lá vivia o Sr. Oliveira e Dona Olinda.

O Sr. Oliveira, Sapo, assim como o pessoal o chamava, atravessava as pessoas sobre as águas do rio a qualquer hora da noite ou do dia. Com rio cheio ou vazio. E Dona Olinda sempre simpática com todos. Tinha nessa casa um lugarzinho que vendia bala, doces e algumas outras coisas. Vendia

para os passageiros do trem e pra outras pessoas mais ali fosse para apreciar a linda vista e o lindo pôr de sol.

Esse casal plantou um pé de castanheira. Nesse meio tempo, a casa teve que ser demolida porque ficou muito velha e estava em risco de cair. Foi então há 21 anos atrás que nasceu o Quiosque Castanheira, pela bela castanheira que tem lá, muito antiga.

Aí, há 21 anos, comecei a trabalhar lá para cuidar de minha família com recursos adquiridos ali. Vendendo minhas porções de pacumã, moqueca de cascudo, porções de lambari e outros peixes comprados dos pescadores da nossa redondeza. E também outras variedades de coisas...

Mas hoje é muito difícil depois do desastre da



lama, porque as pessoas procuram por nossos saborosos peixes da água doce e não temos mais para oferecer. E outra coisa constrangedora é a respeito do abastecimento de água potável. Temos que comprar ou buscar na mina pra cozinhar no Quiosque Castanheira. E ainda nos deparamos com a desconfiança das pessoas pela água, que são feitos os pratos servidos hoje em dia.

Meu jardim, que era lindo, lugar das pessoas fazerem fotos, cheio de flores às margens do rio Doce, não existe mais. Só ficou as recordações em fotos, que ainda guardo com muito carinho. Meus filhos foram criados nesse lugar maravilhoso e até hoje estamos na luta. E por amar tanto esse rio Doce com o pôr de sol mais lindo que já vi.



MEMÓRIAS DO RIO DOCE

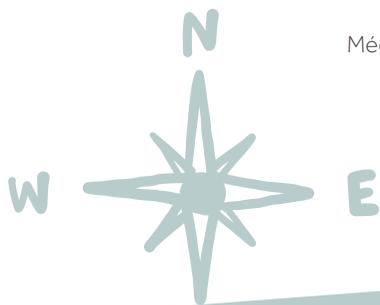
Por Ivani Borges de Souza

Muita tristeza ver como nosso rio Doce foi prejudicado, vimos peixes morrendo, só lama descendo, quanta tristeza.

Lágrimas rolavam pelo nosso rosto, foi muito sofrimento... casas atoladas na lama, pessoas sem pescaria, nossa balsa parou, meio que tínhamos para atravessar e pegar o trem do outro lado.

Hoje tudo voltou ao normal, mas o nosso rio Doce ainda está muito triste, não é mais como era antes.





MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Por Celi Marques de Oliveira Henriques

Versinho para o rio Doce

Oh rio Doce!
Hoje não tem o mesmo sabor que outrora
nos presenteou.
Onde, no barco a gente remava, agora
tudo se acabou e de assoreamento se
formou...

Versinho para o rio

O nosso rio Doce,
Nos traz ótimas recordações
Porém os anos passaram
E vivemos novos momentos
De grande decepção
Pois o rio que era doce
Hoje chora por não ter mais
Os amantes da diversão...

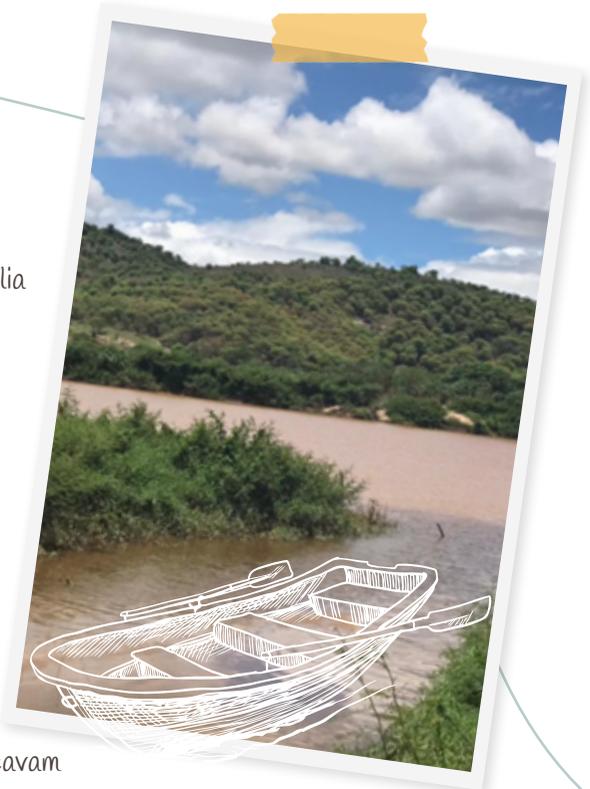


Poema
"Um olhar para o rio Doce"

Posso imaginar pessoas com tanta calma
Que saíam cedo com sua sacola radiantes de alegria
Pois pescar no rio Doce era sua companhia
Não faziam questão de comer o que pegavam
O que dali levavam, sendo o que lhes importavam
Era levar o de comer para compor o prato do dia e partilhar em família

Tem gente que não gostava do pescado
Mas mesmo assim às margens do rio, o dia todo ficava
Via que alguma coisa lhes incomodava
As famosas muriçocas o tempo todo os atordoavam
E assim a tarde chegava
E lá iam elas com suas sacolas do lado
Fazer da porção uma boa fritada

Me lembro muito bem, quando uma viagem realizava
De longe fiquei sabendo que o rio Doce se agonizava
Justo em cinco de novembro, um acidente o matava
Quando uma barragem se rompia e nenhuma empresa controlava
Trazendo lamas tão densas que a cada momento avançava
Deixando desabrigadas tantas pessoas e essas também sem água ficavam
E desta feita, muitas vidas foram ceifadas
Os impactos ambientais notórios se evidenciaram



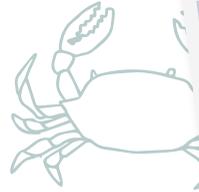
Prejuízos incalculáveis e perdas irreparáveis
Deixando até hoje mágoas incontroláveis

Sobre os rejeitos da mineração
Sempre há a discussão
Pois a lama seca impedirá
Uma segura plantação
Uma vez que o solo se empobreceu
Trazendo infertilidade para população
Que mora às margens dessa bela região
Que sempre foi o oásis, o ouro do nosso estado

Acredite se quiser
... "Nada causa intoxicação"
A cobertura, quando seca se torna uma pavimentação
Dessa forma se torna impossível realizar qualquer plantação

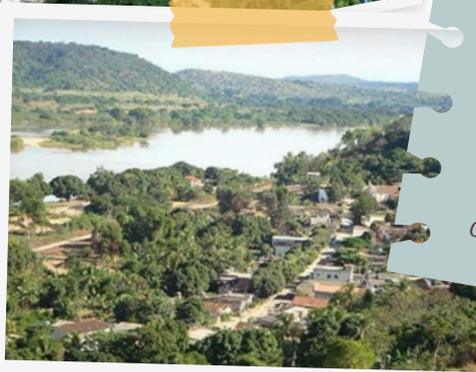
Os rejeitos por aqui passados
Sérios problemas ainda trarão
A economia, muitos jamais a recuperarão
Os metais presentes na água, no futuro ainda causarão
Danos à saúde de tantos que ignoram a contaminação
Se alimentando de peixes que aos poucos vão consumindo
A vida desse humilde cidadão, que aguarda por mais atenção...

Celi Marques de Oliveira Henriques



MEMÓRIAS DO RIO DOCE

Por Manoel Ferreira
dos Santos



Fotos: Mirim, Rumo Certo

Saudades do nosso rio

É uma mistura de lembranças, sentimento e tristeza
Ao olhar para o nosso rio Doce
e não poder mais contemplar a sua beleza
Às vezes nem acredito, e choro ao recordar
tanta beleza que tinha em nosso rio
que a lama destruiu, só nos resta lamentar
As aves que voavam, buscando peixes para se alimentar
Os animais, os pássaros e as aves frutíferas
a Arara, o Sofreu e o Gambá
Sem falar nas lavadeiras, que lavavam as roupas ali
Eram o cartão postal, do distrito de Baguari
Era uma grande multidão, uma turma ia e a outra vinha
um canto de alegria, se repetia todos os dias
como as Cantigas de Ribeirinha



Meio ambiente

País da desigualdade, do proletariado e da nobreza
são resquícios do passado, da colônia portuguesa
vive no meio do lixo, depredando a natureza

A história começou no estado da Bahia
quando o príncipe Dom João VI e sua mãe, Dona Maria
vieram de Portugal para viver na mordomia

Para viver na mordomia, começou a escavação
à procura dos metais e o ouro de aluvião
escavando as florestas causando erosão

Aumentou a escavação à procura dos metais
passou no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais
destruindo a natureza e extinguindo animais



Depois veio a máquina a vapor, uma nova invenção
desmatando as florestas para sua manutenção
exalando gases nobres que causam poluição

Na gestão do governo Lula, um código foi aprovado
e quem desobedecesse, seria preso e multado
o problema continua, nada foi solucionado
A pena do infrator é de cem reais a um milhão
mas a lei da vista grossa, impediu a punição
virou discurso político para ganhar a eleição

O pobre paga o Milhão, nem que seja parcelado
mas a lei que pune o pobre, deixa o rico de lado
até parques florestais estão sendo explorados

Sai governo, entra governo, a coisa ficou pior
as lágrimas me vêm nos olhos, na garganta dá um nó
a nossa fauna brasileira foi mandada para os togós



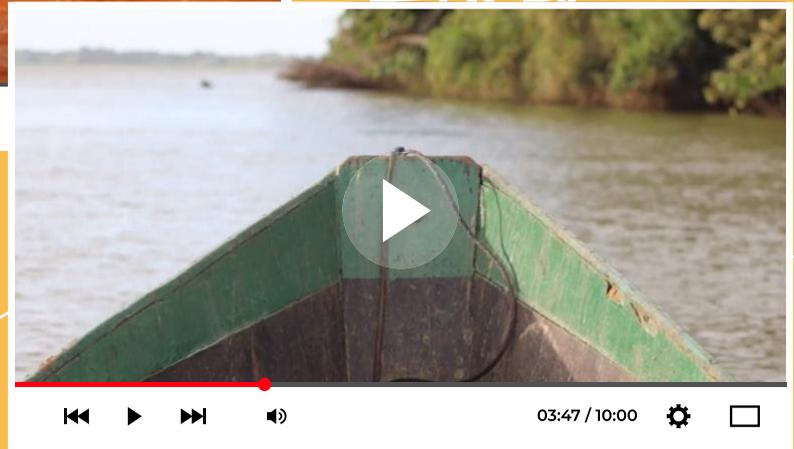
Foi mandada para os togós, é linguagem informal
a nossa fauna brasileira tem gerado capital
os bichos viraram comércio, no meio internacional

Sem falar de Valadares, que em voo livre se expandiu
cidade de gente hospitaleira, no sudeste do Brasil
Até o nosso lindo rio Doce, um mar de lama o destruiu

Autor: Manoel Ferreira Santos

Nosso rio Doce, esse que faz parte das nossas vidas, das nossas histórias. Cada um traz consigo este vínculo de corpo e alma. Somos a soma de tudo. Parece que tu jamais serás o mesmo, que nada terás sentido como antes, mas assim como são líquidas as tristezas, essas águas são dinâmicas e fluirão novamente. Então deixa que as coisas se renovem e que as perdas tenham mais de um sentido, que os vazios possam nos oferecer espaços, pra que a vida te compense com o impossível. E permita que a alegria se aproxime e que traga mais cor, calor e esperança para nossos dias. Quando tudo nos parecer desolador, é possível ainda sonhar e ter esperança, pois em nosso rio ainda pulsa a vida. A grandeza desse nosso amor por ti é sempre nos tornar inteiros, mesmo perdendo uma grande parte.

ESPÍRITO SANTO



IDENTIDADE

VÍDEO



O antes e depois do rompimento da barragem de Fundão, em Mariana/MG, traz à tona reflexões sobre a identidade cultural das comunidades da região da foz do rio Doce e do litoral do Espírito Santo. As memórias em formato de relatos marcantes sobre as consequências da tragédia nos permite refletir sobre o impacto na vida social e cultural das pessoas e no futuro desta e de outras localidades atingidas.

AUTORES

Andrea Ferreira Anchieta
Jóice Lopes Miranda
Elaine Cristian Pires
Roque Pancieri
Rosa Bisco Ferreira

Rosângela Casotti

CURADORIA DE CONTEÚDO

Pablo Abranches
Natália Dornelas

Assista na Plataforma Interativa do CIT*:
www.citdorioce.org



*<https://www.citdorioce.org/repositorio-virtual/narrativas-territoriais-cit/>

PESCA E LAMA

VÍDEO

A centralidade do vídeo é a pesca e os impactos provocados ao rio, à vida dos moradores e moradoras e às tradições após a tragédia do rompimento da barragem de Fundão. O atravessamento dado pela tragédia e a esperança por um futuro diferente, em que a cultura da pesca esteja presente como antes conduzem a narrativa. Ficam algumas reflexões: O que pode ser feito daqui pra frente? Como recomeçar? O que queremos?



AUTORES

Adailton Alcantara Pereira
Edenir Santos
Luciana Souza de Oliveira
Silas Cardoso Evangelista

CURADORIA DE CONTEÚDO

Mayan Amâncio
Natália Dornelas

Assista na Plataforma Interativa do CIT*.
www.citdorioodoce.org



*<https://www.citdorioodoce.org/repositorio-virtual/narrativas-territoriais-cit/>



